

AVOZ DE MELGAÇO

QUINZENÁRIO REGIONALISTA

AB.

DIRECTOR
JÚLIO HILARIÃO VAZ

QUINZENÁRIO
PORTE PAGO



Preço Avulso — 10\$00
Publica-se nos dias 1 e 15

Melgaço 1 de Fevereiro de 1984 — Ano XXXVIII — N.º 769 — Tiragem da última edição — 1 100 exemplares

A BARRAGEM DO SELA

A barragem do Sela será uma construção hidro-eléctrica que irá desde a Frieira à Ponte de Mouro.

Não se pode minimizar nem a sua grandeza, nem o seu valor económico.

Julgamos, no entanto, que está para demorar.

Para a Barragem do Lindoso, cujos acessos já estão construídos, só há pouco é que começaram a ser entregues os cadernos de encargos.

Há entre as duas Barragens — a do Sela e a do Lindoso — uma mútua dependência por acordo entre os governos de Portugal e da Espanha.

Nós, portugueses, temos maioria no Lindoso; os espanhóis terão na do Sela.

De acordo com uma informação que há três anos colhi da boca do responsável das obras do Lindoso, a barragem do Sela tem demorado, porque as autoridades de Espanha não pressionam nem forçam as expropriações: aguardam que os interessados se dirijam aos funcionários encarregados de pagar as indemnizações.

Como dissemos no nosso artigo do último número deste jornal, os Presidentes das Câmaras de Arbo, Espanha e de Melgaço — e julgamos que há mais — têm contestado a construção desta Barragem, apresentando várias razões: o peixe, que é a riqueza do Minho; a cultura do vinho, etc.

Desde a primeira hora que ouvimos a um Engenheiro interessado tecnicamente na obra, que, na Barragem do Sela, se colocarão as *eclusas*, para permitir que o peixe vença os obstáculos físicos que a construção lhe oferece. Aliás, é o que acontece nos Estados Unidos e noutros países.

Diz-se, também, que a cultura do vinho vai ser prejudicada. Parece-nos que esta dificuldade, antes de a formular, devia levar-nos a estudar, muito a sério, os seguintes problemas:

- quais os terrenos propícios à cultura do vinho;
- que castas devíamos utilizar quer no plano técnico quer no comercial.

É que há anos soubemos oficialmente duas coisas graves e que foram estas:

- que em Melgaço não podia haver Adega Cooperativa, porque, localmente, não se produz a quantidade necessária para o efeito;
- que em algumas zonas se cultivavam, em abundância, qualidades que não eram as regionais.

Ora sem resolver estes dois problemas não se deve falar, em prejuízos económicos graves para a região.

Quanto a que a Barragem vai afectar a qualidade do vinho, julgo que deveremos fazer uma comparação. E é esta: no rio Douro, e na região de Miranda, construíram-se barragens.

O vinho da região era óptimo e «traioeiro». Com as barragens a qualidade do vinho não sofreu; sofreu a carteira do lavrador, o qual, antes das barragens, não tratava as videiras, porque não havia nevoeiros, e, agora, tem de o tratar, porque há muito

nevoeiro.

Quanto à exigência da Câmara em querer partilhar dos benefícios da barragem, lembramos três factos:

- temos um livro de um economista galego a lamentar-se de que a Galiza ilumina a Espanha e está às «escuras»;
- os habitantes das barragens do Cávado-Rabagão queixaram-se do mesmo; e
- quanto aos benefícios económicos, que, agora, e recentemente, já estão previstos por decisão governamental, lembramos que a Câmara de Montalegre, em devido tempo, apresentou a questão no tribunal e foi atendida, tendo a Empresa de lhe pagar.

Julgamos que é com realismo e objectividade que temos de ver os problemas que se nos põem, mormente este — o da Barragem do Sela — que vai alterar, para melhor, a paisagem, vai enriquecer o turismo e vai, se se trabalhar à sério, beneficiar, em plano global, como agora se diz, a nossa terra.

Júlio Vaz

A Câmara e a Cultura

Com um ofício do ilustre Presidente da Câmara, Rui Solheiro, recebemos «O Mosteiro de S. Salvador de Paderne» — Coleção Histórico-Cultural, de que é autor, Armando Barreiros Malheiro da Silva.

Diz-nos o Sr. Presidente da nossa Câmara na sua oferta que este é «o Caderno n.º 1 de uma Coleção Histórico-Cultural que pensa editar ao longo do seu mandato».

Os nosso parabéns e sinceras felicitações.

Melgaço

Boletim Informativo da Câmara Municipal

Recebemos o N.º 2 do I.º Ano deste Boletim, com data de Dezembro de 1983.

Como as próprias palavras o dizem, a Câmara Municipal pretende informar os municípios sobre a actividade camarária em todos os seus sectores.

Além de um documento informativo virá a ser um documento histórico.

Contrabando apreendido

Uma patrulha da Terceira Companhia da Guarda Fiscal apreendeu para os lados do Couso nove cabeças de gado, procedentes de Espanha, e prendeu, ainda, o camião que transportava o gado.

«Mercado Municipal»

Adquirido o terreno e feita a terraplanagem, estão orçamentados dez mil contos para dar continuação às obras em 1984.

«Electrificação»

Foi iluminado o Largo da Calçada, Rua Dr. António Durães, topo ponte da Praça da República, substituídas e reforçadas as lâmpadas da Avenida das Tílias e várias ruas da Vila.

Prevê-se a continuação destes melhoramentos, tais como Castelo e Muralhas.

«Arruamento das Carvalhiças»

Foi feita a pavimentação do troço até ao Convento e o alargamento até ao tanque das Carvalhiças, estando prevista a pavimentação deste troço.

DA VILA E CONCELHO

DA VILA

Os Bombeiros cantaram «Os Reis»

Durante alguns dias do mês de janeiro, nesta vila e diversas freguesias do concelho, como já é tradicional, os Bombeiros da nossa terra, cantaram «Os Reis» para todos os Melgacenses.

Este grupo que é constituído por homens e raparigas, que fazem parte do Corpo Activo da Fanfara, bem assim como do Grupo Coral da Corporação, foi recebido condignamente pela população Melgacense.

A letra foi da autoria do nosso amigo e conterrâneo Sr. Francisco Augusto Igrejas «GÚ», com música também do nosso amigo e conterrâneo Sr. Manuel Gonçalves Pereira.

Parabéns, briosos Bombeiros, que honrais a vossa terra.

Oscar Marinho

Acompanhado de sua esposa Sr.^a D. Armanda Esteves Marinho e filho Paulo Marinho (estudante), esteve entre nós o nosso conterrâneo Sr. Oscar Marinho, funcionário do Tribunal da Comarca de Barcelos. Os nossos cumprimentos.

José Joaquim Pires

Numa curta estadia, esteve entre nós de visita à sua família o nosso conterrâneo Sr. José Joaquim Pires, acompanhado de sua esposa Sr.^a D. Teresa Martins Pires. Os nossos cumprimentos.

«Abastecimento de Água»

Foram feitos três furos de captação de água para reforço do caudal existente, tendo já sido possível no passado Verão, o abastecimento regular à Vila, verificando-se apenas algumas anomalias, nomeadamente, em Cavaleiros e Campo de Futebol, por falta de capacidade dos depósitos existentes.

Vai-se no próximo ano construir um novo depósito esperando assim ver resolvido este flagelo cíclico.

«Pavimentação entre Rua Velha — Rua Dr. António Durães»

Foi feita a pavimentação deste troço urbano.

Telefones

Por diversas vezes, nomeadamente através da Imprensa, a C. M. protestou contra a forma como estão a funcionar os telefones no nosso concelho.

Estão a ser colocados cabos subterrâneos que irão possibilitar uma melhoria sensível. O bom funcionamento só é possível construída a nova estação automática dos telefones.

Assim é, apesar de não existir projecto quando, pela primeira vez, abordamos o assunto, hoje já é uma realidade para o edifício novo, no Largo Hermenegildo Solheiro. A construção em questão, além de melhorar, significativamente as comunicações com o exterior, irá também embelezar o referido Largo.

Turismo

Existe entendimento com a Santa Casa da Misericórdia para a cedência do terreno que possibilite a construção de um Posto de Turismo, perto do local onde se implantará o futuro Lar da Terceira Idade.

Centro de Saúde

Depois de sucessivas tomadas de posição da Câmara em relação ao escândalo que constituía o não funcionamento do novo Centro de Saúde, foi possível transferir do Hospital Velho para o Novo todos os serviços.

Verifica-se, no entanto, que o seu funcionamento é precário, pelo que a C. M. já fez sentir à Direcção Distrital de Saúde o seu descontentamento, esperando que sejam tomadas medidas a curto prazo.

Cultura

Estendeu-se também a actualização da Câmara Municipal a este sector que tão abando-

nado tem estado e, assim, organizou a Festa da Cultura que, além do interesse que teve no aspecto recreativo, turístico, etc., serviu de iniciativa à nossa população para preservar o património cultural.

Foi solicitado ao Sr. Engenheiro Magalhães, Director Distrital do Equipamento, a colaboração no projecto de reconversão do edifício da «Cadeia Nova», em Casa da Cultura.

Agradecimento Gaspar Octávio Passos de Almeida

A família, profundamente reconhecida, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que se dignaram assistir ao funeral do saudoso extinto, bem assim como a todos os actos de culto, ou de qualquer outro modo lhe manifestaram o seu pesar.

A Família

Dr.^a D. Rosalina Domingues

Na sua residência da Quinta da Orada desta vila, faleceu a nossa conterrânea Sr.^a Dr.^a D. Rosalina Domingues, solteira de 71 anos de idade.

A extinta, pessoa de muita consideração na nossa terra, era irmã do Sr. Professor António Domingues, das senhoras Professoras D. Maria Domingues e D. Duartina Domingues.

O seu funeral realizou-se para o cemitério desta localidade com grande acompanhamento.

Dois irmãos faleceram no espaço de 24 horas

No curto espaço de vinte e quatro horas, faleceram nesta vila, dois irmãos nossos conterrâneos Sr. João Cândido Marinho de 80 anos e Sr.^a D. Josefina Cândida Marinho de 82 anos.

O primeiro era casado com a Sr.^a D. Maria Saraiva e a segunda era viúva.

Os extintos, pessoas de respeitabilidade e muito estimadas no nosso meio, eram irmãos dos senhores António Marinho; Eliseu Marinho e Oscar

Marinho.

Os funerais realizaram-se para o cemitério municipal com grande acompanhamento, seguidos de missa de corpo presente.

«A VOZ DE MELGAÇO» sensibilizada apresenta às famílias em luto o seu cartão de sentidas condolências.

Alfredo do Paço

NECROLOGIA

Gaspar Octávio Passos de Almeida

Com a idade de 77 anos, faleceu na sua residência da Quinta dos Esparizes desta Vila o nosso amigo, conterrâneo e estimado assinante Sr. Gaspar Octávio Passos de Almeida, conceituado comerciante e industrial em Lisboa.

O extinto, oriundo duma das mais distintas famílias da nossa terra e pessoa de respeitabilidade, era casado com a Sr.^a D. Zélia Passos de Almeida, pai dos senhores José Eduardo Passos de Almeida e Dr. Vitor Passos de Almeida, médico em Lisboa, sogro das senhoras D. Maria Iolanda da Fonseca Passos de Almeida e D. Maria José Zeia Bermudes Passos de Almeida.

Conduziu a chave da urna, seu filho José Eduardo.

D. c. Oliveira Rodrigues
ADVOGADO

Largo Hermenegildo Solheiro
— MELGAÇO —

«A VOZ DE MELGAÇO»

PROPRIETÁRIOS
A. LUÍS VAZ — JÚLIO H. VAZ
DIRECTOR ADJUNTO
E ADMINISTRADOR
CARLOS NUNO S. VAZ
Redacção e Administração
Largo da Senhora-a-Branca, 105
4700 — BRAGA — Tel. 25284
Composto e impresso em Offset na
Litografia A. C. — Braga

Assinaturas (Anual)

PORTUGAL — 300\$00

ESTRANGEIRO — 500\$00

Aos assinantes pede-se o pagamento no início de cada ano

DE CHAVIÃES

DAR A CÉSAR O QUE É DE CÉSAR

O BOLETIM INFORMATIVO DA CÂMARA MUNICIPAL DE MELGAÇO, referente ao mês de Dezembro p.p., informa-nos sucintamente o que foi a actividade do primeiro ano do seu mandato, bem como, das 18 freguesias que compõem o concelho.

Respeitante a esta freguesia, saltou-me logo à vista a «rubrica «Abertura para o Linhar»». — Foi feita a abertura para este lugar e fornecidos os tubos para canalização das águas». Ou houve má fé no pedido da referida abertura para o Linhar, ou equívoco no lançamento da rubrica, porque o lugar do Linhar já há muitos anos que está despovoado de gente e a prová-lo estão os casebres em ruínas que ainda lá existem. Todavia, passa pelo citado lugar, mas a verdade é que ela chegue ao local denominado «MONTE DO CEPO». E não quero com isto dizer, que amanhã não venha a ser uma via de grande utilidade, não só para o turismo, como muito especialmente para quem tem montes à beira rio: oferece-lhe grande vantagem para o transporte de matos e arvoredos. Ora, até ao ponto onde chega presentemente, sem dúvida que serve várias propriedades particulares, dum modo especial, as pertencentes ao Presidente da Junta e suas famílias. E a verdade é que os donos das propriedades já tinham, anteriormente combinado, de aproveitarem estadia da máquina do Sr. empreiteiro, em serviço da abertura da estrada da Bouça, para lhe abrir a desejada via, mas por conta da carteira deles, que felizmente bem podiam, por serem quase todos pensionistas franceses, mas assim foi bem melhor, porque foi à custa da verba do Estado.

No entanto a verba gasta, bem podia beneficiar parte da abertura de uma estrada já com projecto aprovado desde 1978 e pago pelos habitantes, que saindo da Portela do Couto, muito beneficiaria os moradores dos lugares de Cortinhal, Tarabela e Gondufe. Além dis-

so, esta tão desejada via já esteve em número um, no plano das obras de 1982 da Câmara Municipal cessante, que por falta de verba, voltou para o rol do esquecimento.

A estrada da Bouça, é obra inteiramente da Junta cessante e se não foi principiada em devido tempo, deve-se à burocracia de alguns proprietários de terreno por onde tinha de passar.

Sede da Junta e Escola Infantil, outra obra ainda a fazer parte da iniciativa da Junta anterior e que foi realmente o Jardim Infantil, que deu origem ao levantamento do referido edifício. E como começou a obra? Não querendo abusar da liberdade que me dispensa a Voz de Melgaço, eu serei breve na explicação a dar aos prezados leitores:

1.º — Eu, sobretudo, tinha pena que desaparecesse uma regalia com que tinham sido brindadas as crianças desta freguesia e o seu proprietário, na altura pároco de Chaviães, Rev.º Manuel Lourenço, sofreria também grande desgosto, até porque foi ele que cedeu de melhor vontade, graciosamente, o salão paroquial para a instalação provisória do Jardim Infantil. Mas, logo que a Exma. Senhora Directora, que superintende nestes serviços, visitou pela primeira vez as instalações, advertiu a Senhora Educadora, no sentido de que fossem tomadas providências para arranjar uma sala ou salão, que tivesse mais luz natural, caso contrário, seria extinto o Jardim Infantil desta freguesia.

Como sabíamos que não valia a pena perder tempo à procura de melhor sítio, voltamos a nossa atenção para a Câmara Municipal, para a construção de um pequeno edifício, cujo espaço seria oferecido graciosamente pela Junta Fabriqueira. Como aquela edilidade não tivesse verba disponível nem havia ainda projecto elaborado para a construção, mas sim para a Sede da Junta, por parecer dó Exmo. Senhor Engenheiro Esteves, que foi aceite, numa reunião camarária foi deliberado que o edifício, a construir para a Sede da Junta de Chaviães, devido ao seu grande espaço, fosse também ali instalado o Jardim de

Infância, nas seguintes condições: a C. M., fornecia todos os materiais para a construção enquanto que a Junta tomaria o compromisso de arranjar dinheiro para o pagamento da mão de obra. Não esmorecemos. Arranjamos o terreno com a área exigida de 600m², cujo valor, olhando à sua localização, podemos avaliar próximo dos 500.000\$00 e foi oferecido gratuitamente pela Junta Fabriqueira. Arranjamos 68.000\$00, de ofertas de vários bons Chavianenses, quer residentes, ou a trabalhar fora da sua terra natal e a obra com a ajuda de Deus e dos bons amigos, foi começada, e já há muito estaria acabada se continuássemos na Junta. Assim, como tal não aconteceu entregamos à actual, fruto da nossa actividade, a quantia de 294.500\$00.

Chaviães, 22/1/84

António Luís da Ascensão Reinales

POR PADERNE

Embora os membros da Junta desta freguesia e a Assembleia da mesma me mereçam toda a amizade e consideração, não posso deixar de me exprimir sobre a passividade com que aquelas vão resolvendo os casos mais prementes (doa a quem doer).

A célebre água doméstica prometida para o mês de Setembro de 83, em Janeiro de 84 ainda não havia chegado aos lugares do Barral e Ferreiros. Se quis confeccionar as refeições e lavar-me nos dias 13, 14 e 15 do mês em curso, tive que ir, eu, buscar, por favor, ao poço de um parente.

E se há um incêndio?

Outros, no entanto, continuam a desperdiçá-la a seu belo prazer.

Não terá, a Junta, legislação para autuar aqueles?

No entanto já pensa em colocar contadores ao preço módico de 200\$00 mensais!...

Ao preço de Lisboa!...

Quanto à luz pública, isso sim: enquanto em certos locais existem lâmpadas a jorros (compadrios, claro), noutros anda-se às cambalhotas com a escuridão, e não vale a pena pedir ou reclamar perante aqueles. Estão-se nas tintas. O que é preciso é que nos locais onde eles moram nada falte.

Será, este, o tal socialismo? Uns, filhos; outros, enteados? Senhores membros da Junta, façam alguma coisa, ao menos as de maior carência, pois, hoje, já não trabalham de graça, visto que têm os seus honorários.

Lisboa, 22 de Janeiro de 1984

Abel Francisco Pereira

PAÇOS

Problemas Locais

Quando por ocasião do Natal, estiveram nesta freguesia a passar alguns dias de férias junto das suas famílias, alguns emigrantes provenientes de França pediram-me, para que os fosse informando sobre o andamento das negociações do terreno para a ampliação do cemitério, pois desejavam comprar lotes para sepulturas. Como lhes promettesse informá-los, cá estou a cumprir com a minha palavra.

Pois, meus amigos, posso dizer-lhes, que, segundo informações, o terreno já está negociado. Também por informações não oficiais, soubemos que a Junta da freguesia teria dado pelo terreno segundo uns, 100, outros 80 e por fim outros 65 contos, respectivamente. Não sabemos ao certo quanto foi. O que é certo é que os meus amigos já podem contactar a Junta e fazer os seus negócios quanto antes, pois pode acontecer, que se deixarem para muito tarde, já lá não haja lugar, e digo, não haja lugar, porque o terreno adquirido foi muito pouco, se olharmos que a Junta tem de construir lá uma capela mortuária e se o alinhamento das ruas no cemitério forem continuadas como tem que ser, contando ainda com o que os muros vão gastar, ao fim e ao cabo o terreno adquirido, a curto prazo, não vai resolver coisa nenhuma. Foi por tudo isto, que a Senhora Presidente da Assembleia da freguesia se demitiu, pois não quis arcar com as responsabilidades que um dia mais tarde, os vindouros lhe podiam atribuir. É pena, pois o proprietário do terreno, não regateou quantidade, disso estou certo. Puxou, sim, os seus interesses na negociação, mas isso qualquer um fazia. A Junta

é que não soube negociar e foi dar ali aquele dinheirinho que tanta falta fazia, para mandar reparar alguns caminhos, que estão uma vergonha. Não queremos aqui de maneira alguma desprestigiar a Junta, pois merece-nos toda a nossa confiança, mas deixem-me que lhe diga, o negócio da aquisição do cemitério, foi mal principiado e mal acabado. A Junta teve o pássaro na mão e deixou-o fugir. O povo é que vai sofrer as consequências.

A. F. A.

CRISTÓVAL

A Junta e alguns

conflitos locais

A junta desta freguesia, tem procurado com todos os meios ao seu alcance, evitar conflitos com os seus concidadãos, procurando sempre, por meio do diálogo, resolver os problemas mais agudos que se lhe depa-ram. Contudo, Deus era Deus e não agradou a todos. Vem isto a propósito de que ultimamente a Junta desta freguesia, está a resolver, ou antes, a tentar resolver dois ou três problemas de vital importância para a comunidade em que está inserida. Por este motivo, já está em curso o processo de expropriação de alguns terrenos, para a ampliação do cemitério, cujo proprietário teimou em não ceder às boas. O cemitério já hoje podia estar alargado e a funcionar em pleno, se não fossem estes empecilhos que usaram todos os meios ao seu alcance para travar esta obra, que tanta falta faz à freguesia. Em primeiro lugar, puseram o problema da fonte e outros; por fim como o da fonte já está resolvido, devido a essa água não passar por baixo do terreno, tentaram dizer não, à cedência duns escasos metros de terreno. Contudo é dado que se torna necessária e urgente a aquisição desse terreno pelo motivo de não haver onde enterrar, pensamos que o problema será resolvido o mais breve possível. O outro conflito que a Junta está a tentar resolver é aquele problema que está a suscitar muita polémica entre os moradores do lugar do Ramo, o que se refere ao alarga-

mento da entrada do caminho daquele lugar. A Assembleia da freguesia resolveu por unanimidade solicitar à Câmara Municipal por intermédio da Junta, que a Câmara mande ao empreiteiro da estrada, rebaixar esta até ao nível do caminho que ali existia, isto no Largo da Calçada do Ramo, para desta forma, não ir prejudicar ninguém e que a estrada do caminho do Ramo fosse alargada para o local que desse menos prejuízo aos proprietários dos prédios confinantes. Desta forma ficaria resolvido este conflito que tanta tinta já tem feito correr.

Outro assunto: Há quem diga que as Hidráulicas, em tempos, já mandaram fazer os projectos das levadas. A Junta gostaria de saber onde estão esses projectos. Haverá alguém que queira responder a esta pergunta?...

A. F. A.

No Centenário dos Acontecimentos de 1383-1385

O FECHO DA ABÓBADA

Depois da vitória alcançada na Batalha de Aljubarrota, em 14 de Agosto de 1385, no reinado de D. João I, na qual 8.000 portugueses derrotaram 30.000 castelhanos, — uma das mais gloriosas da história portuguesa —, o rei de Portugal, para cumprimento dum voto feito por essa vitória, mandou erigir o Mosteiro da Batalha, nome porque é conhecido o Mosteiro de Santa Maria da Vitória, que ele doou aos frades dominicanos.

Esta tão monumental obra, traçada pelo architecto português Afonso Domingues, foi por ele dirigida até ter cegado.

Tendo vindo por essa altura a Portugal, como cavaleiro do duque de Lencastre, o irlandês David Ouguet, — que seria capaz de se empoleirar sobre o cadáver de seu pai para se guindar a um lugar ambicioso, —, por documentos que apresentou de Mestre de obreiros e edificadores, conseguiu a protecção da Rainha D. Filipa, que o fez nomear Mestre das obras do referido Mosteiro.

Mestre Ouguet logo que to-

mou a seu cargo tão grandiosa obra, alterou parte do projecto, aquele que julgava irrealizável, mas para a continuar, fez chamar obreiros de terras distantes, porque os julgava melhores que os portugueses.

No dia 6 de Janeiro de 1401, ao entardecer, chegou à Batalha el-rei D. João I, onde já era esperado por frei Lourenço e parte da comunidade. El-rei, antes do mais, pediu lhe fosse mostrada a Casa do Capítulo, que ele sabia que mestre Ouguet acabara de pôr fecho e remate.

Sendo então encaminhado para lá por frei Lourenço, antes que entrasse, já Ouguet o informou: — Tomei a ousadia de seguir outro desenho no fechar da abóbada porque achei que o outro não era realizável; era tão impossível que se fizesse uma abóbada tão achatada como a que estava delineada...

— E consultaste o architecto Afonso Domingues, antes de fazer essa mudança no que ele havia traçado? — interrompeu el-rei.

— Por escusado o tive — replicou David Ouguet.

Com este diálogo chegaram às portas da Casa do Capítulo. El-rei entrou dentro daquela espantosa Casa, mas faltando-lhe a claridade, voltando-se para frei Lourenço, que também tinha entrado, disse: — vim tarde para gozar desta maravilhosa vista: vamos ao Auto da Adoração e amanhã voltaremos aqui a horas de Sol...

E passando pela sacristia, seguiu para a igreja, conduzido por frei Lourenço.

Neste entretanto Mestre Ouguet entrou na Casa do Capítulo e dizia consigo, olhando para a porta por onde eles haviam passado:

— Pobres ignorantes! que seria o vosso Portugal sem os estrangeiros, senão um país pobre de artistas e inculto?...

Mestre Ouguet estava embebido neste solilóquio, quando erguendo casualmente os olhos para a maciça abóbada que sobre ele se arqueava, fez um gesto de indizível horror e, como doido, correu a bom correr pela crosta solitária apertando a cabeça entre as mãos, e gritando a espaços:

— Oh, mal aventurado de mim!...

A abóbada da Casa do Capítulo, acabada havia 24 horas, tinha desabado com fragor, ruidosamente!

El-rei, que estava a assistir ao Auto dos Reis, só deu pelo sucedido quando ouviu um estrondo, seguido de sussurro, com todo o povo a agitar-se e aos gritos descompostos.

Não perdeu a calma; o ânimo indomável do Mestre de Avis em breve fez cobrar coragem a todos que ali estavam e com voz firme, voltando-se para os que o rodeavam — disse: mas cumpre indagar donde procede o ruído... Soou esse medonho estrondo da banda do claustro: vamos examinar o que seja...

Dizendo isto, el-rei desceu do estrado e encaminhou-se para a sacristia. Os cavaleiros da comitiva, os frades, os três reis magos e grande parte do povo tomaram o mesmo caminho.

Com uma lâmpada de luz frouxa e mortiça, encaminharam-se para a porta do Capítulo. Ao chegar lá, todos recuaram de repente; as portas haviam estourado nos seus grossos gonzos e as pedras amontoadas entulhando-se quase a um terço da altura.

Dos olhos de el-rei e de frei Lourenço caíram lágrimas que eles debalde tentaram reprimir.

Depois, criando um pouco de ânimo, el-rei acenou ao pajem Álvaro Vaz de Almeida, dizendo-lhe:

— Ide depressa à morada de Afonso Domingues, dizei-lhe que eu lhe quero falar e guiai-o para aqui...

E o architecto foi, agarrado ao braço de Álvaro Vaz de Almeida e quando chegou junto do rei, ouvindo-o, disse: — beijo-vos as mãos, senhor rei, por vos lembrardes ainda de um velho que hoje nada presta; o architecto do Mosteiro de Santa Maria, já não sou: Vossa Mercê me tirou esse cargo; sei que a abóbada do Capítulo desabou porque a traça primitiva fora alterada...

El-rei lhe disse: — Pois se ousais levar a cabo vosso desenho, vos ordeno que o façais e, desde já vos nomeio de novo Mestre das obras do Mosteiro.

e David Ouguet vos obedecerá. Afonso Domingues, de princípio não aceitou, mas depois de muito pensar, acabou por aceder ao pedido de el-rei e disse-lhe:

— A abóbada da Casa do Capítulo não ficará em terra. Que me mandem vir de Guimarães os meus oficiais e obreiros portugueses que tinham sido despedidos por Mestre Ouguet, que de hoje a quatro meses podeis voltar aqui, senhor rei, e ou eu morrerei ou a Casa Capitular da Batalha, está firme, como firme é a minha crença na imortalidade e na glória...

Nos primeiros dias de Maio de 1401, antes de partir de Lisboa el-rei D. João I, mandara sair dos cárceres muitos criminosos e prisioneiros castelhanos que se dirigiram à Batalha, a fim de tirarem os simples pois se a abóbada ruísse nesse momento, seria poupada a vida dos obreiros.

No dia 7 desse mesmo mês, el-rei, acompanhado só por dois pagens, antes do meio dia, apeou-se à porta do mosteiro, batendo devagarinho à porta da cela de frei Lourenço.

Depois desta aberta, frei Lourenço lhe perguntou: — Vindes para assistir ao tirar dos simples? — pois bem, avi-

sarei Afonso Domingues da vossa vinda...

Frei Lourenço saiu e, daí a pouco, voltou acompanhado do arquitecto, que um rapaz guiava pela mão.

Todos se dirigiram para as portas da Casa do Capítulo.

Já lá estavam entre duas alas de besteiros, os homens que deviam tirar os simples; homens negros, pálidos, rotos e descalços; eram os prisioneiros castelhanos e com eles vários criminosos condenados à morte, aos quais el-rei teria dito:

— Se tirardes os simples, que vedes acolá, e a abóbada não desabar, soltos e livres sereis...

— Confiai na ciência do grande arquitecto que fez esta magnífica obra; mandar-vos comprar essa soltura à custa deste leve risco, quase que é o mesmo que perdoar-vos...

Neste momento Mestre Afonso Domingues, voltando-se para el-rei disse: — Senhor rei, é chegado o momento de vos declarar que pelo corpo e sangue do Redentor jurei que, assentado sobre a dura pedra debaixo do fecho da abóbada, estaria sem comer nem beber durante três dias, desde o instante em que tirassem os simples. Se esta abóbada desabar, sepultar-me-à em suas ruínas, nem eu quisera encetar, depois de velho, uma vida desonrada e vergonhosa. É esta a minha resolução.

Dito isto, os condenados já debaixo da cúpula, tiraram os simples e a abóbada não caiu. Os presos tinham sido postos em liberdade.

Apenas no centro da ampla Casa do Capítulo se via uma pedra, sobre a qual, mudo e com a cabeça pendida para o peito, estava sentado um velho cego.

A este velho rogava el-rei, rogavam os frades, rogava o povo, sem todavia se atreverem a entrar, que saísse dali; mas ele não respondia nada.

E aí se conservou. No terceiro dia à tarde, completados os três dias do voto, o seu corpo era herança da terra e a sua alma repousava em Deus.

Na pedra sobre a qual estava Mestre Afonso Domingues expirara ordenou el-rei se retirasse,

retratando-se quanto possível um cadáver e que essa imagem fosse colocada num dos ângulos da Casa do Capítulo.

Passados mais de cinco séculos, quem visitar o Mosteiro da Batalha, poderá contemplar numa das paredes da Casa do capítulo o vulto de Afonso Domingues, o homem que procurou a honra, de que tanto se orgulhara; sacrificando a vida para engrandecer a Pátria.

12-2-983 Manuel José Gonçalves
(Este pequeno resumo foi extraído em parte de «Lendas e Narrativas» de A. Herculano)

O QUE ZANDINGA PREVÊ PARA 1984

Transcrevemos a seguir algumas das previsões de ZANDINGA para 1984, publicadas no nosso colega VENTO NORTE de 15-12-83.

NACIONAL

— 84 será um ano em que muitos portugueses terão de roubar para sobreviverem com as suas famílias.

— Morte do BLOCO CENTRAL (coligação PS/PSD) dentro de oito meses.

— Serão descobertas grandes fraudes e desvios, cometidos por personalidades portuguesas (entre as quais alguns ex-ministros).

— Morrerá, por acidente, um grande político português.

— Suicídio de uma grande personalidade de relevo na política e outra na TV.

— Fuga para o estrangeiro de um político importante.

— Possibilidades de o Governo decretar estado de Sítio ou de Emergência.

— Serão vítimas de doença súbita: Amália Rodrigues, Tito de Moraes, Cal Brandão (G. C. do Porto) Artur Agostinho.

— Ramalho Eanes sofrerá de úlcera gastro-duodenal.

— Portugal ficará classificado no próximo Festival da Eurovisão nos últimos 6 lugares.

— Começará a exploração de petróleo em Portugal, em locais já selados e demarcados.

— O Sporting será Campeão Nacional.

— Morrerá Spínola.

— Explodirão bombas em várias Embaixadas.

INTERNACIONAL

— O Papa sofrerá de doença súbita

— Haverá grandes confrontos na Polónia.

— Ronald Reagan não acabará o seu mandato de Presidente dos EUA.

— Surgirá um novo KENNEDY nos EUA.

— Novo conflito nas Ilhas Malvinas.

— Morrerá Arafat, líder da OLP.

— Morrerão João Figueiredo, Presidente do Brasil, o Príncipe Ranier e Nixon.

SEGUNDO-CASQUEIRO

PCP deve ao País 80 milhões de contos

O secretário-geral da CAP, José Manuel Casqueiro, afirmou ontem em Beja que «o PCP deve ao país 80 milhões de contos devido à sua política da Reforma Agrária».

Casqueiro falava durante um encontro de agricultores promovido pela Associação de Agricultores do Baixo Alentejo, com o apoio da CAP.

«Lançar novos impostos sem pedir contos ao PCP é absolutamente imoral» — disse.

O dirigente da CAP acusou ainda a actual equipa do MAP de «não resolver nenhuma das questões que lhe põem e muito menos as situações anteriores».

«As UCPs continuam a ser a base económica do PCP e o actual Governo nada faz para lhes cobrar as dívidas anteriores» — referiu.

José Manuel Casqueiro acusou ainda o Governo de «continuar a não administrar as áreas agrícolas nacionalizadas com justiça» e de «oferecer terras que nunca lhe pertenceram».

«O Estado — acrescentou — nunca as pagou a quem foi expropriado, protegendo assim as UCPs, que nunca foram, nem são, controladas».

«Não imponham aos agricultores portugueses uma adesão à CEE sem a devida reestruturação económica nos sectores da agricultura e florestas e sem sermos ouvidos» — referiu ainda.

Por seu turno, o presidente da Direcção da CAP, José Maria Queiroga, acusou o ministro da Agricultura, secretários de Estado e o Banco de Portugal de anunciar as moratórias derivadas da seca quando os conselhos de gerência dos bancos «nada sabem».

Pensão Residencial «PEMBA»

Largo da Calçada — Telef. 42555
4960 MELGAÇO

Com sala própria para casamentos, baptizados e copos d'água

Excelente cozinha e vinhos da região

ASSINE E DIVULGUE
A VOZ DE MELGAÇO

«VENDE-SE»

No Pêso, grande casa com quintal. Fundos comerciais. É composta por rés-do-chão, 1.º e 2.º andar. Bom rendimento anual. Trata: Manuel António Nunes Pêso - MELGAÇO - Telef. 42401

«PASSA-SE OU VENDE-SE»

Restaurante ou Snack Bar com Residencial. Próximo da fronteira. Trata: Telef. 52612 - Valença do Minho

VENDEM-SE

Apartamentos com 4 quartos e escritórios. Salões com fogões de sala. Em pleno centro de Monção. Trata: o interessado, na Rua Duarte Pacheco - Monção - 52612

«TERRENO PARA CONSTRUÇÃO»

12 ou 16 Apartamentos, em VILA PRAIA DE ÂNCORA. Informa: ARTUR TEIXEIRA Telefone 911258 - MELGAÇO

A história do Vinho do Porto

• O que é o vinho do Porto

«Porto» é uma palavra que define o vinho proveniente das uvas cultivadas exclusivamente na Região Demarcada do Douro, ao Norte de Portugal.

A Região do Douro é montanhosa e agreste. O seu cultivo é difícil, sendo necessária a construção de inúmeros terraços. As cepas podem ser transplantadas, os métodos de cultivo e preparação podem ser imitados, mas não o pode ser o solo, nem as inúmeras particularidades do clima.

Em resumo, o vinho do Porto deve as suas qualidades inimitáveis a um conjunto de circunstâncias que não pode ser igualado em qualquer outra parte do Mundo.

• Por que é o vinho do Porto um «grande vinho»

O vinho do Porto é produzido com uvas provenientes da Região do Douro, podendo ser envelhecido em casco ou em garrafa. A adição de aguardente vínica, durante a fermentação, ajuda a preservar o açúcar natural do vinho. Quando o vinho do Porto é novo tem uma cor vermelha escura e é designado «full». Com a idade vai-se tornando mais claro, passando primeiro a «ruby», mais tarde a «tawny». Cada tipo tem um atractivo especial e cabe ao paladar do consumidor escolher qual preferir.

Quando uma vindima é excepcionalmente boa, o vinho é, por vezes, engarrafado após dois anos de permanência em casco, continuando o seu envelhecimento em garrafa. Estamos perante o «Vintage». Este tipo de vinho deve ser decantado com o maior cuidado para não turvar.

VENDEM-SE

Terrenos, próprios para construção ou cultivo na Quinta da Serra, em Prado, desta Vila. Trata: **JOSÉ RODRIGUES** Serra - Prado - Melgaço

Em Vila Nova de Gaia, os exportadores possuem «stocks» que lhe permitem oferecer uma outra vantagem — o sábio refresco dos vinhos, a fim de manterem sempre a mesma qualidade e as mesmas características para as diferentes marcas preferidas pelo consumidor. É necessário um elevado conhecimento técnico para produzir uma garrafa de bom vinho do Porto, apoiado em tradições que se transmitem de geração em geração nas firmas centenárias. Ninguém se poupa a despesas para o produzir e se quiser oferecer aos seus amigos um bom Porto não pode esperar obtê-lo a preço baixo.

• Quando se deve beber o vinho do Porto

O vinho do Porto pode ser saboreado em qualquer altura do dia ou da noite, conforme o seu sabor e o tipo de vinho escolhido. É uma questão de paladar e de hábito.

Em Inglaterra, o vinho do Porto é servido geralmente no fim das refeições principais, sendo o tipo escolhido entre os mais encorpados e, eventualmente, um «tawny» velho.

Muitos consumidores apreciam um vinho ligeiro como bolo ou queijo a meio da manhã, ou um Porto seco. Este tipo de vinho é produzido de uvas brancas e tem uma cor

ouro pálido, sendo excelente como aperitivo.

É hábito em França beber qualquer vinho do Porto antes das refeições, sendo também uma esplêndida bebida revigorante após um desporto violento ou um longo dia de trabalho.

Pode, pois, saborear-se um Porto em qualquer altura, mas sugerimos que, antes das refeições, se opte por um tipo menos doce e depois das refeições um vinho mais encorpado e doce. Se deseja um vinho do Porto para todas as ocasiões, não hesite em escolher um «tawny» velho.

• Como beber o vinho do Porto

Se deseja apreciar verdadeiramente o vinho do Porto, acompanhe-o com nozes, amendoins, amêndoas, azeitonas e biscoitos secos.

O vinho do Porto só deve saborear-se em cálice próprio, do tipo tulipa.

• O vinho do Porto

É perfeitamente normal um bom vinho criar depósito com a idade, mas se se pagar na garrafa com cuidado e se se decantar antes de servir, apresentar-se-á nas melhores condições.

O vinho do Porto nunca deveria ser aquecido, mas sim servido à temperatura ambiente ou ligeiramente fresco.

O vinho do Porto é frequentemente recomendado por médicos, devido às suas características tonificantes e estimulantes, especialmente valiosas para um convalescente. É um bom digestivo e revigorante.

• Organização e garantias de qualidade

Existe um bom sistema de organização, que garante a qualidade e o padrão do Porto genuíno.

As zonas onde o vinho do Porto é produzido e armazenado estão rigorosamente delimitadas.

Um conselho que de modo nenhum é dos menos importantes: saber algo sobre vinhos é um sinal de educação e de cultura e, quando comprar vinhos caros, lembre-se de que é, sob todos os aspectos, melhor saborear uma gota de bom vinho, do que beber um litro de vinho de inferior qualidade. Aumente, pois, o seu consumo em qualidade e não em quantidade.

mitadas, havendo um Grémio dos Exportadores e uma Federação dos Viticultores (Casa do Douro). Finalmente, o Instituto do Vinho do Porto é a autoridade que superintende no Grémio e na Federação dos Viticultores. O Instituto emite Certificados de Garantia e de Origem.

• Como reconhecer o verdadeiro vinho do Porto

Após uma ou duas provas e comparações, o apreciador não tem dificuldade em reconhecer a cor e o incomparável aroma do verdadeiro vinho do Porto.

O vinho do Porto exportado em garrafa é obrigatoriamente portador do Selo de Garantia, emitido pelo I.V.P.

Festivais de jubileu

Os habitantes de Oberammergau prepararam-se já desde agora para o ano jubilar de 1984: há 350 anos, no ano da peste de 1634, este auto sobre a vida e o sofrimento de Jesus foi realizado pela primeira vez. Ao ensejo do jubileu, estão programadas 95 apresentações em Oberammergau, na Baviera, a partir de 21 de maio até 30 de setembro de 1984. As entradas já estão à venda. O comitê do festival espera casa lotada em cada apresentação. No último festival, realizado em 1980, as entradas já tinham sido inteiramente vendidas cerca de meio ano antes da apresentação. A foto é do cenário, criado em 1980, e mostra um ponto culminante dessa apresentação mundialmente famosa: Jesus, chegando a Jerusalem, montado em um burro.

Os bichos conversam

Coelho com outros bichos tiveram uma palestra, apresentando a seus filhos o que se passa na floresta:

Fogo ateadado por um vivente sem alma,

Mandado pelo Diabo.

Muito pouca coisa nos resta para viver,

Pois há pouco que comer.

Avançaremos nos prados,

Mas podemos ser caçados,

As rochas nos salvarão,

Para nos abrigar.

Os pastos voltarão,

Quando a Primavera se aproximar.

Então a melhor saída é esperar

E pôr de lado a tristeza e natureza confiar.

Mas para nossa salvação,

É desenvolver a agricultura,

Para nosso Bem e da Nação.

Brasil, Dezembro de 1983

Gracinda Fernandes

Confissão e Perdão

Com as armas me perdi!

Decerto estava enganado!

Matei, roubei, para quê?

Depois fui encarcerado.

Com minha alma abalada,

Desprezando o bem estar,

Que seria a família no meu lar

E na calma viveria,

Conservando o pensamento

Na justiça que nos guia.

Com arma era valentão!...

Isso é ilusão,

Pois só trará perdição.

Valentão...foi Jesus.

Armado com a palavra da

Verdade,

Que o salvou a vida inteira...

Essa é que foi arma verdadeira.

Brasil, Dezembro de 1983

Justino Fernandes

Manuel António Ribeiro
SOLICITADOR

Largo Hermenegildo Solheiro
— MELGAÇO —

Compre agora e pague
— em 12 MESES, em —

Móveis Castelo

DE Ramiro de Lima A. Cerqueira

RUA DAS ESCOLAS

TELEF. 42695 — 4960 MELGAÇO

EXPOSIÇÃO:

RUA DA CALÇADA

* AUTO MELGAÇO *
* de *
* EDUARDO JORGE *
* LOURENÇO *
* *
* TEL. 4 2 4 5 9 *
* S. PAIO *
* MELGAÇO *

COMPRE

Móveis Leais

ALEGRIA EM SUA CASA

Aprígio Perreira Leal

Armazém Grupo C:
LUGAR DA LOJA NOVA
4960 MELGAÇO

Sede e Fábrica:
TELEF. 72162 — MODELOS
4590 PAÇOS DE FERREIRA

POLÍTICA NACIONAL

A reunião dos Economistas

Meu caro António Dias
 Há poucos dias o Primeiro Ministro, Mário Soares, o Vice-Primeiro Ministro, Mota Pinto, e o Ministro das Finanças, Hernáni Lopes reuniram-se com um grupo de economistas destacados de Portugal.

O número e a qualidade dos participantes destacou o assunto tratado — a economia — e a gravidade do problema. São vários os problemas económicos e financeiros, que afligem e preocupam os portugueses:

- a enorme dívida ao exterior, resultante dos empréstimos pedidos e dos juros a pagar;
- a falta de investimentos para aumentar a produção e manter e desenvolver as empresas;
- a fome destruidora das empresas nacionalizadas ou participadas do Estado, que consomem milhões e milhões de contos, todos os anos, e que não produzem e dão défices muito grandes.

Estamos debaixo de impostos, numerosos e pesados, que os particulares têm de pagar, e

que as empresas nacionalizadas não só não pagam como ainda nos levam dinheiro que não aproveitam, pois o esbanjam.

Todos sabemos que temos de *economizar*; temos de aguentar a *austeridade*.

Mas não se acaba com as empresas nacionalizadas que não *economizam*, não produzem e não querem a *austeridade*.

Ora a *economizar* sem produzir, como pode ser? Como se há-de viver? Como olhar o futuro? Bem sabemos que com o encerramento das empresas aumenta o desemprego.

Mas aguentar as empresas falidas ou mal administradas com os impostos sobre o povo, é criar o desemprego nas empresas particulares, que estão a falir, e aumentar a fome na população.

Se o Governo cuidasse, a sério, de organizar um desemprego devidamente subsidiado, já não haveria o problema gravíssimo que agora todos antevemos.

O Governo tem continuado a dar dinheiro às empresas que dão défices, e não melhoram.

Já lá vão uns meses com esta política: a arrecadar dinheiro

de quem trabalha a sério e dar «ajuda» a quem o não aproveita.

Até quando?

O povo sofre e lamenta-se.

Os operários comunistas, sobretudo, que causaram esta tremenda crise, criticam o Governo, fazem greves, e não trabalham. E o Governo ainda os ajuda!...

Oxalá não tenhamos de sofrer por mais tempo do que o prometido pelo actual Governo as agruras da crise!...

Júlio Vaz

ELECTROTÉCNICA

António Solha & Irmão
 Praça da República — 4960 MELGAÇO
 * Rádio - Instalações Eléctricas
 * Televisão - Amplificações Sonoras.

Agentes da SIEMENS
 Assistência técnica qualificada
 TELEFONE, 4 22 94

PENSÃO RESTAURANTE

FLOR DO MINHO (0 27)

DE — Júlia Augusta Lopes

- * Esmerado serviço de cozinha
- * Óptimos vinhos e bons quartos.

Telef. 4 23 40 — 4980 MELGAÇO

EXPRESSO DO ALTO MINHO

Comodidade - Rapidez - Economia - Autopullman de luxo - Serviço de Bar

Escamarãotur-Viagens Turismo e Auto Viação Melgaço, Lda.

S. Gregório - Lisboa

7.45	S. GREGÓRIO P
8.00	MELGAÇO
8.30	MONÇÃO
9.15	ARCOS DE VALDEVEZ
9.25	PONTE DA BARCA
10.00	VILA VERDE
10.30	BRAGA
12.00	PORTO C
12.30	PORTO P
14.15	COIMBRA
15.30	LEIRIA
17.30	LISBOA C

Efectua-se de 2.ª a 6.ª Feira

Lisboa - S. Gregório

10.30	LISBOA P
12.30	LEIRIA
14.30	COIMBRA
16.15	PORTO
17.30	BRAGA
17.45	VILA VERDE
18.15	PONTE DA BARCA
18.30	ARCOS DE VALDEVEZ
19.15	MONÇÃO
19.45	MELGAÇO
20.00	S. GREGÓRIO C

Efectua-se de 2.ª a 6.ª Feira

Sinopse de Actividades

Referente ao ano de 1982, a Fundação Eng. António de Almeida, do Porto, publicou o Sinopse de Actividades.

O prof. Salvato Trigo, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto historia a actividade cultural e fá-lo em quatro línguas.

Seguem-se os regulamentos dos Prémios Escolares e «Bolsa de Estudo» bem como os alunos premiados e os bolseiros.

Sucedem-se as visitas de Personalidades, Exposições, Conferências, Cursos, Reuniões e Música.

E encerra com «Diversos».

Sinopse de Actividades é informação objectiva e, portanto, história da Fundação.

Marisco apreendido

Em 29 de Dezembro foi apreendido em Barbeita, Monção, um carregamento de marisco.

A encomenda estava encaixada com os dizeres «Guiné-Bissau».

Quem será o comerciante com tão larga visão comercial?

A Guiné-Bissau comer marisco, quando lhe falta dinheiro para matar a fome?...

Plano Energético Nacional

Realizou-se na Associação Nun' Álvares, da cidade de Viana, em 26 de Janeiro, um debate sobre o Plano Energético Nacional, tema de maior interesse neste momento da política económica portuguesa.

ELECTROVISÃO

José Carlos Carpinteiro

Agente oficial das marcas AEG

TELEFUNKEN

com assistência técnica

VENDA DE APARELHOS

ELECTRODOMÉSTICOS

Rua do Rio do Porto

Telefone, 4 26 50 — 4690 MELGAÇO

SERRALHARIA ARTÍSTICA

CODY

— PORTAS — CAIXILHOS —

— MARQUISES —

(Tudo em Alumínio Anodizado)

de — Carlos Alberto Codesso

Granjão - Paderne

Telef. 42244

4960 Melgaço

PADRE ANTÓNIO DOMINGUES

O nosso conterrâneo P.^e António Domingues, de Alvaredo, sacerdote há 26 anos, acaba de ser nomeado pároco de uma nova paróquia de cidade de Braga, criada por decreto episcopal de 29 de Dezembro de 1983, por desmembramento das paróquias de S. Lázaro, S. Victor, Lamações, Nogueira e Lomar. Correspondendo esta iniciativa pastoral à preocupação de servir os novos núcleos habitacionais surgidos com o grande desenvolvimento da cidade, a nova paróquia, chamada Santo Adrião, pois tem a igreja dedicada ao mesmo santo, logo na subida para o Sameiro, é já uma das maiores da cidade e da arquidiocese, com uma população que deve rondar as 10 mil pessoas.

A tomada de posse do novo pároco foi no dia 29 de Janeiro, presidida pelo senhor Arcebispo Primás. Nela participaram mais de 20 sacerdotes, amigos e colegas do P.^e António Domingues, muitos fiéis e familiares. Os actos realizaram-se num «Salão-Capela» do rés-do-chão, pois que a igreja de Santo Adrião é demasiado pequena. A comunidade reunida participou muito e foi um gosto poder concelebrar com uma assembleia cristã que tanta vida deu à Eucaristia.

O P.^e António Domingues, já traquejado com a experiência de pároco, durante 9 anos, em S. Lourenço da Montaria, e depois com a responsabilidade de vários organismos da acção católica e também com a experiência de professor de Religião e Moral na Escola Secundária de Carlos Amarante, de Braga, tem uma dura tarefa diante de si, pois tem que dinamizar todo o trabalho de edificação de estruturas de uma nova paróquia e urge abalançar-se à construção da nova Igreja em terreno já obtido para a mesma.

Podendo contar com a colaboração dos sacerdotes e irmãos da Congregação do Divino Espírito Santo, cujos edifícios estão dentro da circunscrição paroquial, comunidade religiosa a que pertence o nosso saudoso P.^e João Avelino Afonso, da Peneda, poderá também contar com alguns Melgacenses residentes na nova paróquia. Que me recorde, residem em Santo Adrião, o Manuel Vaz, natural da Cela-Portocarreiro, funcionário do Banco Pinto & Sotto Mayor, o António Abel Douteiro, natural da Senhora da Vista, funcionário também do Banco Pinto & Sotto Mayor, o Dr. Octávio, natural de Alvaredo, professor do Ensino Secundário, o Dr. José Fernandes, natural da Gave, professor do Ensino Secundário, e o sr. José Fernandes, da Polícia de Segurança Pública. Outros, certamente, residirão dentro dos limites da nova paróquia, mas eu não possuo dados para o poder afirmar.

Desejamos ao P.^e António Domingues, nosso conterrâneo, colega e amigo, um frutuoso e profundo trabalho pastoral. A renovação impõe-se, e temos todos que aceitar o seu repto ou desafio. E não lhe faltarão as ajudas e os estímulos para a difícil, mas empolgante tarefa que lhe foi cometida.

Creche

Encontram-se em curso as obras de construção de uma Creche nos terrenos anexos ao Hospital velho, sendo o terreno e mão-de-obra por conta da Santa Casa da Misericórdia, contribuindo a Câmara Municipal com os materiais, estando ainda a diligenciar junto do Centro Regional de Segurança Social com o objectivo de conseguir um subsídio que permita levar por diante este empreendimento de tanto interesse social.

Bento Gomes

Materiais de Construção Civil

Telefone, 4-21 13

4960 MELGAÇO

Uma iniciativa oportuna em Fiães — Convento

Nas férias de Natal fomos à terra natal: a Fiães.

O Natal, tempo admirável de meditação e de ambiente familiar, visitamos o Convento, a capelinha do Sagrado Coração de Jesus, e os mortos cujas cinzas repousam em cemitérios locais.

O professor Manuel Rodrigues proporcionou-nos esta visita e conosco viveu as emoções dos encontros com os familiares que já sofreram a lei da morte.

A tarde era esplendente, maravilhosa, pacífica.

A alameda de carvalhos no Convento, este magestoso e histórico imóvel, que devia ser local «obrigatório» de visitas turísticas e culturais, encantam-nos sempre.

Algo de novo se nos deparou: frente à Escola, um campo escavado, nivelado, e com uma estrada de ligação à estrada municipal.

Um senhor venerável fitou-nos, saudou-nos e abeirou-se. Conversámos.

Elucidou-nos: os seus três filhos decidiram construir uma vacaria.

Ainda bem que algo de novo surge, e de natureza económica e comercial.

A zona é propícia à exploração pecuária.

Oxalá a iniciativa avance e rapidamente.

Lembrámos ao simpático cavaleiro (sr. Ilhena) que era conveniente salvar a grande riqueza da terra! o presunto de Fiães.

Por isso, inquirimos: não seriam, os três empreendedores da vacaria, capazes de lançar a suinicultura?

O presunto de Fiães é afamadíssimo. E bem justificadamente.

Antes do 25 de Abril de 1974 tentou-se na zona de Castro Laboreiro a exploração deste género: de um lado estava um grupo, que pretendia constituir uma sociedade; do outro estavam os serviços oficiais que apoiavam uma cooperativa. A ideia não vingou. E foi pena.

Não a poderão retomar os três que se lançam na exploração de uma vacaria?

De Fiães seguimos para Adedela. Aqueles nacos de estrada,

aquelas pedras recordavam-nos anos de felicidade e de companheirismo sadio.

Tempo houve em que a zona do Rio, na freguesia de Fiães, tinha mais estudantes do que o resto do Concelho.

A Adedela foi centro de cultura — ali estudaram mais de 16 seminaristas, pois 16 foram padres, além dos que foram para os liceus; foi núcleo de piedade — ali os professores primários, padres Meleiro e João Vaz, ensinavam a catequese —; foi local de convívio ameno de gerações, mormente nas férias escolares.

Na capela do Sagrado Coração de Jesus, onde, na altura, havia o Santíssimo Sacramento, se desenvolveu o espírito de piedade dos estudantes, e se fizeram tríduos ao Coração de Jesus, e se completaram missões religiosas!

Por isso nos emocionamos no local.

Ainda pudemos abraçar alguns dos nossos tempos juvenis, e admirar os rebentos que em segunda e terceira gerações perpetuam cepas austeras e bairristas.

Descemos pela estrada de Soutomendo de Baixo.

O livro histórico «Tui na Baixa Idade Média» fala do lugar e da sua origem filológica.

E ao descer para a estrada de S. Gregório-Melgaço, quisemos ver a casa — Restaurante e Café — do Sr. Mário (julgamos que é este o seu nome) — junto à capelinha da Senhora de Lourdes.

Julgamos que foi uma pena não lhe deixar uma varanda sobre o Minho e a Galiza, apesar das árvores, pois em tardes de Verão e do Outono seria local de prazer e de sonho.

Felicitemos o Sr. Mário por enriquecer a nossa terra com esta casa.

Pedimos-lhe que, ao servir os almoços, prefira a cozinha regional e o vinho regional, aos filetes e aos bifés, que se comem sempre iguais, desde S. Gregório a Vila Real de Santo António.

VENDE-SE

Casa DE MORADA, com móveis e rocios.
Sita S. Bartolomeu — PENSO
Mostra no local JOSÉ VINAGRE
Telef. 52 485 — MONÇÃO

Manuel Domingues

ADVOGADO
Escritório:

Rua Velha (antigo Consultório
do Dr. Saavedra)

MELGAÇO